



**SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# **Clipping Local e Nacional On-line**

Nesta edição **9 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, terça-feira, 26 de julho de 2011

<b>O GLOBO</b> Mantega sinaliza medidas no câmbio ..... 1 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>JORNAL DO COMMERCIO ONLINE</b> CNI eleva projeção de PIB de 3,5% para 3,8% em 2011? ..... 2 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>REVISTA EXAME</b> Mercadante quer verba do Mercosul para ciência, tecnologia e inovação ..... 4 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>ASSESSORIA MDIC</b> Empresários terão atendimento no Encomex Salvador ..... 5 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR</b> Incerteza sobre a dívida dos EUA eleva tensão no mercado ..... 6 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>VALOR</b> Ministras passam no teste do primeiro mês ..... 7 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>BRASIL ECONÔMICO-SP</b> CNI estima PIB de 3,8 %, inflação de 6% e taxa de desemprego em 5,9% neste ano ..... 9 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>SEGS</b> Empresas e profissionais estrangeiros receberão fiscalização esta semana ..... 10 VEICULAÇÃO NACIONAL	
<b>IG NOTÍCIAS</b> Dólar barato acelera desindustrialização do País, diz economista ..... 12 VEICULAÇÃO NACIONAL	

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Mantega sinaliza medidas no câmbio</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Ministro diz que governo tem instrumentos para conter desvalorização do dólar

Paulo Justus paulo.justus@sp.oglobo.com

SÃO PAULO. O governo tem em mãos novos instrumentos para conter a desvalorização do câmbio, de acordo com o ministro da Fazenda, Guido Mantega. Ele não quis especificar quais seriam essas medidas, mas ressaltou que não usa o câmbio como uma política de combate à inflação, indicando que a pressão dos preços não seria um impeditivo para também fazer um combate à alta do real.

- O câmbio é uma questão que me preocupa. Por um lado, é uma expressão da situação mundial de desvalorização da moeda dos países em dificuldade. Por outro, há também manipulação cambial por parte dos países que procuram arbitrariamente reduzir o valor da sua moeda para poder **exportar** mais e ser mais competitivo, além daqueles que fazem concorrência desleal - disse, após participar de almoço com empresários em São Paulo.

Mantega disse que, além do combate à valorização do real, o governo já adotou medidas para fortalecer a defesa comercial. Ele citou como exemplo a criação de um departamento de inteligência na Receita Federal, para fortalecer a fiscalização sobre fraudes em **importações**, sobretudo a triangulação, manobra em que a origem do produto é maquiada para evitar as tarifas antidumping.

O ministro concordou que há hoje um "pouso suave" da inflação, como mencionado na entrevista da presidente Dilma Rousseff na sexta-feira. Segundo ele, não há contradição em conciliar o combate à inflação com o crescimento econômico. A previsão da Fazenda é que Produto Interno Bruto (**PIB**) tenha uma expansão entre 4% e 4,5% este ano. com a inflação

medida pelo IPCA encerrando o ano abaixo do teto da meta, de 6,5%.

- Não há conflito entre crescimento e combate à inflação. Derrubar a inflação sempre será a prioridade número um no Brasil. Antigamente se derrubava a economia, agora fazemos diferente: controlamos a inflação sem desaquecer a economia. É isso que é chamado pouso suave - afirmou.

Ele acrescentou que o surto inflacionário não é exclusividade do **Brasil** e afeta outros países, e ressaltou que o combate à inflação está sendo feito com a redução moderada do crédito e da atividade econômica. Ele citou a retirada dos incentivos dados ao consumo no período da crise, que reduziu o ritmo de crescimento sem acabar com o dinamismo do **mercado** interno. Na apresentação aos empresários, o ministro destacou a importância do **mercado** consumidor do país em meio a uma situação de crise internacional:

- Esse é um diferencial que o **Brasil** tem e continuará tendo porque sustentaremos esse **mercado** consumidor.

Para o ministro, isso cria uma maior segurança, inclusive num cenário adverso, como o da não aprovação do novo teto da dívida dos EUA. Mantega disse que o país está preparado para enfrentar eventuais desdobramentos dessa crise, para ele, uma "marcha da insensatez":

- Nem gosto de pensar nessa possibilidade de não resolução da dívida americana. Provavelmente haveria uma fuga de capital para os EUA, curiosamente é isso que costuma acontecer, e redução de crédito e de liquidez. O **Brasil** está preparado para uma coisa dessas. Mas eu não creio que isso vai acontecer - afirmou.

	VEÍCULO JORNAL DO COMMERCIO ONLINE	EDITORIA	
	TÍTULO <b>CNI eleva projeção de <u>PIB</u> de 3,5% para 3,8% em 2011?</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) reviu para cima as estimativas de alguns dos principais indicadores da economia brasileira em 2011, prevendo um crescimento do Produto Interno Bruto (**PIB**) de 3,8% e da indústria de 3,2%. Os dados são do Informe Conjuntural do segundo trimestre, divulgado nesta segunda-feira (25). Apesar das expectativas de alta, a CNI advertiu, contudo, para os danos à indústria da crescente valorização cambial.

As previsões anteriores da entidade, relativas ao primeiro trimestre, apontavam um **PIB** 3,5% e um **PIB** industrial 2,8% maiores sobre 2010. O aumento na estimativa do **PIB**, justifica a CNI, se deve ao seu crescimento além do esperado no primeiro trimestre, quando avançou 1,3% na comparação com o último trimestre de 2010, enquanto calculara 1%. O Informe Conjuntural destaca, porém, que a expansão do **PIB** nos três meses iniciais do ano não se repetirá.

Alinha para isso, entre outros fatores, as restrições ao crédito e as elevações da taxa básica de juros promovidas pelo Banco Central, a contenção dos gastos públicos e o aumento da inadimplência. O consumo das famílias, todavia, manterá o **PIB** em alta este ano, prevê a CNI.

A manutenção da demanda doméstica, pelo consumo e pelos investimentos, explica, por sua vez, a estimativa do crescimento industrial em 3,2%. A CNI assinala, todavia, que a indústria de transformação, responsável pelos produtos de maior sofisticação técnica, crescerá apenas 2,6% em 2011, contra 4,6% da indústria extrativa.

**DANOS ELEVADOS** - Destaca a entidade ser uma situação radicalmente inversa à de 2010, quando a indústria de transformação cresceu 9,7%. Segundo a CNI, tal inversão é causada principalmente pela valorização cambial, que levou à perda não só de

**mercados** externos, mas de **mercado** interno, pela forte penetração de produtos **importados**. O déficit da indústria de transformação na balança comercial, que foi de US\$ 33,5 bilhões em 2010, subirá a mais de US\$ 50 bilhões este ano, prevê.

A valorização cambial, superior a 30% nos últimos seis anos e meio, é impossível de ser absorvida por ganhos de eficiência das empresas, constata o Informe Conjuntural. É urgente implementar mecanismos eficazes e potentes para compensar essa perda de competitividade dos produtos brasileiros. Medidas pontuais serão insuficientes para alterar a atratividade do setor manufatureiro, alerta a CNI.

Adverte que a perda de importância do setor irá continuar se a configuração competitiva atual permanecer, causando elevados danos à trajetória de crescimento e à estrutura produtiva brasileira.

O gerente-executivo da Unidade de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, lembra que, ao mesmo tempo em que o câmbio se valoriza, não houve medidas do governo para promover mudanças sistêmicas em favor da competitividade, de forma a melhorar o sistema tributário, a infraestrutura, os custos da folha de pessoal, a burocracia.

Castelo Branco sublinhou esperar que a nova política industrial, a ser anunciada pelo governo no próximo dia 2 de agosto, contemple decisões efetivas para tornar a indústria mais competitiva. Há uma grande percepção do governo sobre a perda de competitividade da indústria. Estamos confiantes, portanto, que a nova política industrial adote medidas eficazes para recuperá-la, como a desoneração dos investimentos e crédito mais acessível para investimentos, declarou.

**EM EVIDÊNCIA** - O Informe Conjuntural manteve em 4,5% a previsão de crescimento do consumo das

famílias, em 6% o índice de inflação e as estimativas da balança comercial, com **exportações** de US\$ 250 bilhões, **importações** de US\$ 230 bilhões e superávit de US\$ 20 bilhões.

Reformulou, de 6% no primeiro trimestre para 5,9%, a taxa de desemprego e de 9% para 8,5% as estimativas para o aumento dos investimentos. O cenário que estimula a entrada de divisas permanece e pouco deve se alterar até o final do ano, pontua o estudo,

acrescentando que a economia brasileira deverá manter-se em evidência, atraindo investimentos.

A CNI prevê ainda uma taxa nominal média de juros de 12,07% , um câmbio médio no ano de R\$ 1,59 e um déficit público nominal de 3,20% do **PIB**. O superávit público primário deverá atingir 2,70% e a dívida pública líquida ficará em 39,5% do **PIB**, calcula a entidade.

	VEÍCULO REVISTA EXAME	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Mercadante quer verba do <u>Mercosul</u> para ciência, tecnologia e inovação</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Ministro conversa com o Uruguai em buscas de parcerias no setor de internet

Brasília - O Brasil quer fazer parcerias com o Uruguai para expandir as redes de banda larga destinadas à transmissão de dados de estudos científicos e tecnológicos, tais como a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), além de criar um centro binacional para produzir software livre (com a formação de recursos humanos) e um centro binacional de doenças tropicais.

A afirmação é do ministro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, que está em Montevideu participando do Encontro Documental de Televisões Latino-Americanas e do seminário Diálogo Brasil-Uruguai em Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura. Segundo o ministro, a intenção é usar o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul (Focem) em pesquisa e desenvolvimento.

Mercadante lembra que o Focem é redistributivo e inversamente proporcional ao Produto Interno Bruto (PIB) per capita de cada país do bloco. O Brasil, que tem a economia mais forte entre os parceiros do Mercosul, recebe menos. Para os três próximos anos, o Uruguai terá US\$ 140 milhões do Focem. No total, o Focem terá US\$ 1 bilhão até 2016.

"A estrada do futuro é a internet", disse Mercadante defendendo o uso de recursos para ciência e tecnologia. O Uruguai já concluiu a inclusão digital de todas as escolas públicas e distribuiu um computador portátil para cada aluno. O país vizinho também participa do projeto Mercosul Digital,

para criação de protocolos e procedimentos para estimular comércio digital na internet para pequenas e médias empresas, por isso o Brasil o considera um parceiro estratégico nessa área.

O ministro avalia que é hora de se desenvolver projetos de ciência e tecnologia, que integrem cadeias produtivas e que reduzam as desigualdades e assimetrias no Mercosul, a exemplo do que já foi feito na União Européia. Mercadante sugeriu que o Mercosul aproveite a integração para estruturar sua indústria de medicamentos. "Queremos uma integração, no futuro, em áreas mais estratégicas, como fármacos e saúde pública".

"Nós precisamos de parcerias para internacionalizar a ciência, para tocar experiências de tecnologia, para criar patentes, para regulação na área de fármacos, para desenvolver os genéricos", acrescentou o ministro, em conversa por telefone com a Agência Brasil. Como o Brasil, o Uruguai e também a Argentina e o Paraguai são extremamente dependentes do fornecimento estrangeiro de matéria-prima para produção de medicamentos e de equipamentos clínicos.

	VEÍCULO <b>ASSESSORIA <u>MDIC</u></b>	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Empresários terão atendimento no Encomex Salvador</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Mais de 800 pessoas já se inscreveram no evento que acontece nos dias 3 e 4 de agosto

Brasília (26 de julho) – Marcado para a próxima semana, entre os dias 3 e 4 de agosto, no Centro de Convenções da Bahia, em Salvador, o Encontro de **Comércio Exterior** na versão ‘Empresarial’ (Encomex Empresarial) terá um balcão de atendimento especial para os empresários.

Com este serviço, os participantes poderão contar com orientações e esclarecer dúvidas sobre casos específicos de operações de **importações**, drawback, cotas e do Novoex (sistema de dados para registros de **exportação**) com técnicos de **comércio exterior** do **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)**.

Os atendimentos serão limitados a dez por assunto, respeitada a ordem de inscrição, com tempo máximo de trinta minutos. É necessário agendar previamente os atendimentos. Os empresários que já se inscreveram no evento devem preencher um formulário e encaminhá-lo para o e-mail: [encomex@Mdic.gov.br](mailto:encomex@Mdic.gov.br).

### Mais de 800 participantes

Um público de 834 pessoas já se inscreveu no evento, sendo 314 provenientes de empresas; 79, de instituições; e 441 autônomos. A programação é voltada para o setor empresarial e contará também com Encontros com Especialistas, organizado pela Apex-Brasil (Rodada das Tradings), com Showroom de Empresas **Exportadoras** e ainda com atendimento aos empresários nos estandes dos bancos parceiros.

O evento terá palestras e mesas redondas para tratar dos principais temas relacionados ao **comércio exterior**. No

primeiro dia, o secretário-executivo do **MDIC**, Alessandro Teixeira, profere palestra-âncora com o tema ‘O Cenário Econômico Internacional’. Na sequência, a secretária de **Comércio Exterior** do **MDIC**, Tatiana Lacerda Prazeres, participa de mesa redonda sobre ‘O **Brasil** no **Mercado Mundial**’.

No segundo dia do evento, a palestra-âncora será apresentada pelo secretário-executivo da Câmara de **Comércio Exterior** (Camex), Emilio Garofalo Filho, com o tema ‘É Possível **Exportar** a Qualquer Câmbio?’. A programação segue, posteriormente, com mesas redondas sobre os assuntos: ‘Inovação como Diferencial Competitivo no **Comércio Internacional**’ e ‘Agronegócio e Cooperativismo’.

Para organização do evento, a Secretaria de **Comércio Exterior** (Secex) do **MDIC** conta com a parceria da Agência Brasileira de Promoção de **Exportações** e Investimentos (Apex-Brasil), do Governo do Estado da Bahia, por meio da Casa Civil e da Secretaria de Indústria, **Comércio** e Mineração (SICM), da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), do Sebrae, do Banco do Brasil, do Banco Nacional de **Desenvolvimento** Econômico e Social (**BNDES**), e da Caixa Econômica Federal.

Para fazer as inscrições e saber mais sobre o Encomex Empresarial, acesse:

[www.encomex.Mdic.gov.br](http://www.encomex.Mdic.gov.br)

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Incerteza sobre a dívida dos EUA eleva tensão no <u>mercado</u></b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Perigosamente perto do dia 2 de agosto, data em que o governo americano não terá mais condições de pagar seus compromissos sem autorização para elevar sua dívida, um clima de tensão e expectativa se instala nos mercados globais. Os investidores não apostam no pior cenário - um calote prolongado -, mas começaram a se mover em busca de proteção. O franco suíço foi a moeda escolhida na "fuga para a qualidade", papel antes reservado ao dólar, e ontem atingiu cotação recorde ante a moeda americana. O ouro teve seu maior valor nominal ontem: US\$ 1.622,49 a onça. As bolsas flertaram com a baixa durante todo o dia e as americanas tiveram queda discreta. As margens para operar com títulos do Tesouro no mercado futuro americano aumentaram e os rendimentos desses papéis ensaiaram movimento de alta**

#### **Cresce preocupação com impasse da dívida nos EUA**

Negociação : Democratas e republicanos não deram ontem sinal de acordo

Michael Mackenzie, James Politi e Alan Beattie | Financial Times, de Nova York e Washington

O temor dos investidores diante do impasse nos EUA quanto ao aumento do limite de endividamento federal cresceu ontem, à medida que líderes políticos americanos continuam defendendo soluções conflitantes para evitar um possível calote da dívida em agosto.

A ausência de sinais públicos de progresso na solução do impasse sobre o teto da dívida emitidos pelos partidos Republicano e Democrata lançou uma sombra sobre os mercados em todo o mundo, tendo os investidores frustrados abraçado ainda mais ativos seguros.

O dólar caiu para um mínimo histórico contra o franco suíço, ao passo que o ouro teve uma alta recorde. Títulos do Tesouro dos EUA com longos prazos de vencimento perderam valor, ao passo que em todo o mundo as bolsas de valores permaneceram sob pressão.

"O temor de uma possível ruptura da negociação sobre o teto da dívida está visivelmente contaminando os mercados", disse David Rosenberg, economista-chefe da Gluskin Sheff & Associates.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) reiterou que os EUA precisam elevar o teto de endividamento rapidamente, pois uma perda de confiança na dívida soberana americana teria efeitos graves para o resto do mundo.

Os líderes republicanos na Câmara dos Deputados e líderes democratas no Senado estavam trabalhando em propostas conflitantes para elevar o teto de endividamento de 14,3 trilhões e controlar os futuros déficits americanos. Não ficou claro se as duas podem ser harmonizadas em tempo suficiente para que o Congresso vote sobre a legislação antes de 2 de agosto, data após a qual os EUA poderão deixar de honrar sua dívida e outras obrigações.

Os republicanos querem elevar o limite da dívida em etapas, inicialmente apenas até o início de 2012, seguida por uma reforma mais abrangente dos gastos no longo prazo. Os democratas e a Casa Branca têm se oposto inflexivelmente a um aumento do limite de endividamento de curto prazo e querem uma solução que vigore além das eleições presidenciais de novembro do ano que vem.

O plano do presidente da Câmara, John Boehner - em duas etapas -, limitar-se-ia a elevar o limite de endividamento dos EUA em até US\$ 1 trilhão, e posteriormente em US\$ 1,6 trilhão, de acordo com assessores republicanos citado pela Bloomberg. O plano exigiria US\$ 1,2 trilhão em cortes de gastos na primeira fase e US\$ 1,8 trilhão na segunda, disseram assessores.

Harry Reid, líder da maioria democrata, está buscando apoio à sua própria proposta de elevação do limite de endividamento de uma só vez e, em contrapartida, redução, ao longo da próxima década, de US\$ 2,7 trilhão do déficit orçamentário projetado.

Nos voláteis negócios da madrugada, o rendimento dos títulos de 30 anos subiu 8 pontos base. A bolsa de Nova York fechou em queda ontem.

	VEÍCULO VALOR	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Ministras passam no teste do primeiro mês</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

**Uma atravessou o momento mais agudo da crise do PR sem danos à base governista. A outra impôs-se prometendo só o que pode cumprir. Faz pouco mais de um mês que as ministras Ideli Salvatti (Relações Institucionais) e Gleisi Hoffman (Casa Civil) começaram a trabalhar juntas no triunvirato de poder que passaram a compor com a presidente Dilma Rousseff. Impuseram a uma base aliada até então incrédula a sua capacidade de gestão do núcleo de governo**

**Ideli dribla a crise e volta a ser testada**

**Fernando Exman | De Brasília**

Há pouco mais de um mês no comando da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, Ideli Salvatti faz o que pode para se consolidar no cargo. Restabeleceu a ponte entre o Palácio do Planalto e o Congresso e tem batalhado para recuperar o prestígio da Pasta junto à presidente Dilma Rousseff. Tem agora como principal desafio, no entanto, convencer Dilma a atender as duas maiores demandas dos partidos que integram a base aliada: a liberação do dinheiro de emendas parlamentares ao orçamento federal e o preenchimento dos cargos de confiança de **Ministérios**, empresas estatais e órgãos federais. A postura de Dilma em relação a esses dois assuntos deve dar o tom das relações entre o governo e o Congresso a partir de agosto, quando acabará o recesso parlamentar.

"Tudo vai depender do andamento da liberação dos restos a pagar e das nomeações para os cargos. Essas questões têm que ser resolvidas", comentou um influente deputado do PMDB. "Isso independe da pessoa que ocupa a Secretaria de Relações Institucionais; é o governo que precisa resolver."

E não são poucos os interesses do governo no Congresso. Na Câmara, por exemplo, o Executivo quer aprovar o projeto de lei que reestrutura o sistema brasileiro de defesa da concorrência e a criação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec).

No Senado, tenta convencer o senador Fernando Collor (PTB-AL) a destravar a tramitação da proposta que libera o acesso a documentos públicos sigilosos e pretende aprovar o

Código Florestal. Além disso, o Executivo deve enviar ao Legislativo propostas pontuais para reformar o sistema tributário.

Há também as armadilhas que o governo precisará desengatilhar no Congresso a fim de evitar despesas que coloquem em risco o ajuste fiscal em andamento. Os deputados querem, por exemplo, votar mudanças nas regras do fator previdenciário, aumentar os salários de policiais e bombeiros (PEC 300) e os gastos na área de saúde (Emenda 29).

"O governo vai ter que desarmar isso", alertou o líder de um partido governista.

Segundo ele, depois da pressão pela prorrogação do decreto que permite o pagamento de emendas parlamentares inscritas nos restos a pagar, a base aliada começará a cobrar do Executivo o empenho das emendas apresentadas ao Orçamento de 2011. "É melhor o governo me dever 100 do que me dever só 10", resumiu.

A prorrogação do decreto que trata das emendas parlamentares é um exemplo dos resultados da atuação de Ideli. Dilma resistia a acolher a demanda, mas mudou de ideia depois de alertada pela ministra de que a decisão poderia causar problemas para o governo no Legislativo.

O aviso da ministra tinha fundamento. Foi feito a Dilma após uma série de conversas de Ideli com líderes dos partidos aliados no Congresso, as quais passaram a fazer parte da rotina da articuladora política do governo.

Ideli, que passou a despachar no gabinete de Dilma ao lado dos ministros Gleisi Hoffmann (Casa Civil), Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral) e Helena Chagas (Comunicação Social) sobre a agenda do governo, também teve crédito no arrefecimento da crise entre o governo e o PR. Devido à "faxina" promovida por Dilma no **Ministério** dos Transportes, integrantes do partido de Alfredo Nascimento ameaçavam faltar ao coquetel oferecido pela presidente a parlamentares aliados para brindar o fim do primeiro semestre. Mudaram de ideia depois que Ideli conversou com alguns líderes da sigla.

Ex-senadora (SC), ex-líder do PT no Senado e ex-líder do governo no Congresso, Ideli adotou uma estratégia criativa

para fortalecer os laços com o meio político. Consulta a lista de aniversariantes do dia todas as manhãs e, em seguida, telefona para parabenizar ministros, congressistas, governadores e prefeitos.

No período em que a Pasta foi comandada por Luiz Sérgio, hoje ministro da Pesca e Aquicultura, senadores e deputados se queixavam justamente da precariedade da interlocução com o Palácio do Planalto. A força do ex-ministro da Casa Civil Antonio Palocci reduzia a margem de manobra da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência, e Palocci não conseguia dar vazão aos pedidos dos aliados. Com crise que levou à saída de Palocci do governo, Dilma promoveu então a troca de cargos entre Ideli e Luiz Sérgio.

Gleisi impõe estilo direto e sem rodeios à Casa Civil

De Brasília

Gleisi Hoffmann tem buscado seguir à risca a missão que recebeu da presidente Dilma Rousseff quando foi convidada a assumir a chefia da Casa Civil: colocar novamente a Pasta à frente da gestão do Executivo.

Senadora eleita pelo PT do Paraná, Gleisi não abandonou o olhar político para os assuntos do governo e acompanha Dilma em encontros com parlamentares aliados no Palácio da Alvorada. Até agora, no entanto, sua atuação não criou embaraços a Ideli Salvatti, ministra das Relações Institucionais da Presidência da República.

Os políticos que se reuniram com Gleisi nos últimos dias elogiam sua objetividade, interesse nas demandas e sinceridade ao falar de demandas que terão dificuldades em prosperar no governo - característica também notada pelos interlocutores da presidente.

"Ela não teve muita diplomacia: foi direto no que pensa. É melhor que o ministro seja sincero do que enrole a

gente", comentou um parlamentar que foi recebido pela chefe da Casa Civil ao falar do estilo da ministra. "Se cumprir o que falou, está bom."

Desde que tomou posse, em 8 de junho, Gleisi reuniu-se com grande parte dos ministros e tomou parte nas discussões sobre os principais programas do governo, como o **Brasil Sem Miséria**, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e as obras para a realização da Copa do Mundo de 2014.

Está à frente da Câmara de Gestão criada pelo Palácio do Planalto em parceria com pesos pesados do empresariado nacional, e reativou a Subchefia de Articulação e **Monitoramento** da Casa Civil. O órgão, responsável por auxiliá-la no acompanhamento das ações prioritárias do governo junto aos **Ministérios**, havia sido esvaziado por Antonio Palocci para que a Casa Civil retomasse o protagonismo na articulação política do governo.

Gleisi também vem atendendo alguns governadores, inclusive da oposição. Estiveram em seu gabinete, por exemplo, os governadores de Rondônia, Piauí, Espírito Santo e Goiás. Gleisi reforçou ainda a ponte entre o Palácio do Planalto com ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Tribunal de Contas da União (TCU).

A ministra não descuidou, no entanto, de seus interesses políticos no Paraná. Nas últimas semanas, Gleisi reuniu-se no Palácio do Planalto com o prefeito de Curitiba, Luciano Ducci, e o secretário de Infraestrutura e Logística do governo do Paraná, José Richa Filho. (F.E.)

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP		EDITORIA
	TÍTULO <b>CNI estima <u>PIB</u> de 3,8 %, inflação de 6% e taxa de desemprego em 5,9% neste ano</b>		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

### PROJEÇÃO

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) elevou de 3,5% para 3,8% sua previsão para o crescimento da economia neste ano e manteve em 6% a estimativa para a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao

Consumidor Amplo (IPCA) e para superávit da balança comercial, que deve somar US\$ 20 bilhões. Já o Produto Interno Bruto (**PIB**) industrial deve crescer 3,2% e o desemprego ficar em 5,9%.

	VEÍCULO SEGS	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Empresas e profissionais estrangeiros receberão fiscalização esta semana</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Mariana Silva

Começa hoje a Semana Nacional de Fiscalização de Estrangeiros. Trata-se de uma ação coordenada entre os Creas de todo o país, que visa a identificar se os profissionais estrangeiros que atuam no Brasil, nas áreas de engenharia, arquitetura e agronomia estão observando os requisitos legais para o exercício profissional. A ação abrangerá também pessoas jurídicas e irá além da mera fiscalização. Os envolvidos no trabalho promoverão orientações acerca dos procedimentos necessários para registro no Conselho e sobre a importância da regularização e formalização do trabalho de estrangeiros no país.

A ação contará com parceiros de acordo com as necessidades específicas de cada Estado. Órgãos como **Ministério do Trabalho**, **Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, **Ministério Público**, Polícia Federal, entre outros, contribuirão de diversas formas, desde o fornecimento de informações necessárias para a organização do trabalho até a participação na ação de fiscalização propriamente dita.

Em 2010, dados da Coordenação Geral de Imigração do **Ministério do Trabalho e Emprego** apontaram um crescimento de 27% nas autorizações concedidas a engenheiros estrangeiros, totalizando 2.804 autorizações. De acordo com o coordenador do Grupo de Trabalho Fiscalização, do Colégio de Presidentes do Sistema Confea/Crea, Álvaro José Cabrini Júnior, se por um lado fala-se muito em escassez de profissionais, visto que existe uma grande demanda por engenheiros em virtude do **desenvolvimento** econômico pelo qual passa o Brasil; por outro lado, é visível um aumento do número de engenheiros estrangeiros no País. "Essa questão merece atenção especial, uma vez que diz respeito à soberania nacional, à valorização dos engenheiros brasileiros e às contrapartidas envolvidas nesta demanda", afirma Cabrini, que é presidente do Crea do Paraná.

Nesse estado, serão fiscalizadas as indústrias Milenia Agrociências e Ingersoll-Rand, em Londrina; Café Iguazu, em Cornélio Procópio; e a Yazaki do Brasil, em Santo Antônio da Platina. "Todo estrangeiro que atua no **Brasil** tem de ter registro no Conselho, seja permanente ou temporário", destaca Cabrini. Para ele, a fiscalização é uma ferramenta de orientação sobre a necessidade de resguardar tanto os direitos dos profissionais de fora quanto os dos brasileiros, e de garantir a segurança e a qualidade do trabalho desenvolvido por essas pessoas. "Caso seja verificada alguma não conformidade, o Crea-PR abrirá um processo que seguirá trâmite normal, notificando a empresa para efetuar e regularizar o registro do profissional", informa Cabrini.

Dentro dessa mesma perspectiva, as outras unidades da federação realizarão o mesmo trabalho, levando em consideração as especificidades de cada região. Em São Paulo, por exemplo, todo o efetivo de agentes direcionará suas ações para empresas que possuem profissionais estrangeiros em seu quadro técnico. Serão focadas empresas de segmentos relacionados a petróleo, telecomunicações, energia elétrica, montadoras de automóveis, multinacionais, lavoura e armazenamento, indústria, siderurgia e mineração, além de obras do **Plano de Aceleração do Crescimento (PAC)** e da Copa do Mundo de 2014.

Além de uma lista fornecida pelo **Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)**, o **Regional** relacionou outras empresas que, pelo campo de atuação, uso de capital estrangeiro e outros indicativos, apresentam maior probabilidade de contratação de profissionais estrangeiros. A operação será estendida, nesse **Regional**, até 05 de agosto, data em que cada equipe de agente fiscal apresentará relatório do resultado da ação.

Em **Manaus**, 65 empresas foram oficiadas. "Vamos tratar essas informações e definir quais empresas serão visitadas, durante a Semana", afirmou a gerente de fiscalização do **Regional**, Danielle Kristina Neves dos Santos.

O presidente do **Regional**, Telamon Barbosa Firmino Neto, ressaltou que o **Amazonas** é o quarto estado brasileiro a receber o maior número de estrangeiros, após São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. “Esse debate é muito **importante**. Tivemos reunião com a Polícia Federal e estamos propondo uma ação em conjunto do Crea-AM, com o **Ministério** Público do Trabalho e Delegacia **Regional** do Trabalho”, ressaltou Telamon. Segundo ele, há uma presença grande de chineses no Estado, em razão do polo industrial da **Zona Franca** de **Manaus**.

Em Pernambuco, serão fiscalizadas as empresas instaladas no Complexo Industrial e Portuário de Suape, localizado entre os municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, a 40 km do Recife. As empresas já receberam ofícios solicitando informações sobre os profissionais da área tecnológica que atuam no local e as informações serão compiladas ao longo da semana.

Em Minas Gerais, o gerente de fiscalização Marcelo Emerson Ventura do Santos informa que, só em Belo Horizonte, foram oficiadas 42 empresas. “A fiscalização será feita em todo o estado, por meio de nossas inspetorias, e deverá atingir mais de 100 empresas”, estima Marcelo. O Crea-MG mantém uma página sobre fiscalização, no site do **regional**, inclusive com informações sobre como registrar o profissional diplomado em país estrangeiro. (Clique aqui para acessar: [http://www.crea-mg.org.br/Paginas/06\\_Superintendencias/SAA/Tipos-de-Registro-Pessoa-Fisica.aspx](http://www.crea-mg.org.br/Paginas/06_Superintendencias/SAA/Tipos-de-Registro-Pessoa-Fisica.aspx))

Segundo Celso Gonçalves de Sant’Anna, coordenador de fiscalização, no Rio de Janeiro, a ação será realizada pelo Crea-RJ em conjunto com a **Superintendência Regional** do Trabalho. Ao todo, foram oficiadas 30 empresas e aproximadamente 20 responderam, até o momento. Os dois

órgãos reúnem-se hoje para deflagrar a ação e estabelecer a estratégia de atuação para a semana.

No Rio Grande do Norte, a ação será realizada em parceria com a Polícia Rodoviária Federal. Haverá fiscalização em empresas de petróleo e gás, no formato de FPI (Fiscalização Preventiva Integrada). O **regional** entrará em contato com os Creas do Nordeste para articular a semana, na região.

Na Bahia, de acordo com o gerente de fiscalização, Wilson Jucá, houve dificuldades para fechar convênio com a Polícia Federal e com a **regional** do **Ministério** do Trabalho para realização de uma FPI. “Estamos atuando isoladamente nesta ação, mas vamos dar continuidade a esse trabalho mais específico”, informou Jucá. “Esperamos, no futuro, estabelecer um convênio com esses órgãos, o que facilitaria o trabalho”. Atualmente há 72 estrangeiros com registro validado no Crea-BA e 99 com processo em tramitação. Quanto à fiscalização das empresas, o trabalho inicial recairá sobre aquelas em que houve denúncias ou que apresentam maior probabilidade de terem profissionais estrangeiros em seus quadros técnicos. Entre elas, as de telecomunicações, de energia elétrica, além de petroquímicas, montadoras, de mineração e de celulose.

O próximo passo será analisar as informações obtidas com a fiscalização coordenada na próxima reunião do Colégio de Presidentes, prevista para 17 a 19 de agosto, momento em que também serão analisadas as principais dificuldades encontradas e o estabelecimento de uma segunda rodada de fiscalização. A expectativa é que os resultados gerados em todo o país sejam concluídos em cerca de 45 dias.

	VEÍCULO IG NOTÍCIAS	EDITORIA	
	TÍTULO <b>Dólar barato acelera desindustrialização do País, diz economista</b>		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

### Olivia Alonso, iG São Paulo

Gastar menos para viajar ao exterior e pagar um preço mais em conta pelo pãozinho do café da manhã são vantagens do **dólar** barato. Na última segunda-feira, a moeda norte-americana fechou abaixo de R\$ 1,55 pela primeira vez desde 1999. Com um valor baixo como este, quem viaja acaba desembolsando menos reais para comprar um **dólar**. Os produtos **importados** - ou derivados deles, como o pãozinho, que é feito de trigo - acabam barateando. No entanto, a desvalorização do **dólar** tem efeitos duros para diversos segmentos da indústria nacional e, principalmente, para as empresas que atuam como **exportadoras**.

### **Produção da indústria brasileira recua em junho, segundo a CNI**

"Para a companhia que vive de **exportação**, significa que ela está ganhando menos dinheiro por seus produtos," diz Luiz Filipe Rossi, professor de Microeconomia e Finanças do Ibmec-RJ. Como as vendas são em **dólares**, quando a receita é convertida em reais, fica menor. Entre as indústrias mais afetadas estão as metalúrgicas, produtoras de sucos de laranja e de carnes, por exemplo. Além dos efeitos para as **exportadoras**, as companhias que atuam em diversos setores no **mercado** doméstico acabam tendo uma grande perda de competitividade. "Imagine um produto nacional que tenha um similar **importado**, como os automóveis e os perfumes, por exemplo. Os itens que vêm de fora ficam mais baratos," diz Rossi.

Com isso, companhias de diversos setores da indústria brasileira acabam tendo dificuldade para se desenvolver. Essa situação, segundo Alberto Matias, professor titular da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP), acaba levando empresas de alguns segmentos da indústria a se transformar em simples montadoras de produtos. "As companhias passam a ver vantagens em comprar as partes da China e montar aqui. É o caso de empresas de ar condicionado e automobilísticas, por exemplo."

Para Antônio Carlos Alves dos Santos, coordenador do curso de Economia e **Comércio** internacional da PUC-SP, o **dólar** barato está tornando mais rápido o processo de

desindustrialização do País. Ainda que ele acredite que esse movimento seja parte do **desenvolvimento** da economia, considera que a situação cambial tem uma parcela de culpa. "A desindustrialização vem sendo acelerada pelo fato de o câmbio estar assim," afirma.

Dados recentes da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que, em junho, a **produção** das empresas industriais recuou e a utilização da capacidade ficou abaixo do usual pelo sétimo mês consecutivo. Em maio, o índice de evolução da **produção** havia ficado em 52 pontos. No mês seguinte, caiu para 48,1 pontos. Quando o resultado fica acima de 50 pontos, significa expansão. Abaixo, revela uma queda.

### **Soluções**

Entre as soluções para a situação, os economistas concordam que a saída pode ser encontrada com uma série de medidas. Em primeiro lugar, o governo deve buscar desonerar as empresas e investir em infraestrutura. "Tem que lutar para aumentar a competitividade autêntica das empresas melhorando a infraestrutura, reduzindo o custo das empresas com tributos, investindo em pesquisa e **desenvolvimento**," diz Armando Castelar Pinheiro, coordenador de Economia Aplicada do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).

"O **Brasil** está caro e esse é um problema que precisa ser atacado pelo governo", acrescenta Reynaldo Passanezi, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), que alerta para elevação dos custos de **produção** no País. Segundo ele, entre as medidas que o governo precisa tomar para melhorar a produtividade das indústrias, além da desoneração das empresas, estão também os avanços nos setores de energia e telecomunicações.

### **Empresas querem desoneração e investimentos em infraestrutura**

É isso que pedem as companhias. Nesta segunda-feira, o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, pediu medidas governamentais para ajudar as empresas. "Eu espero a desoneração dos investimentos, das **exportações**, medidas fortes de defesa comercial, tanto nos portos como na

verificação técnica dos produtos **importados**", afirmou Andrade a jornalistas, segundo a assessoria de imprensa da CNI.

Ao mesmo tempo em que o governo deve fazer sua tarefa de casa, as companhias precisam investir em tecnologia, pesquisa e **desenvolvimento** e em inovação, segundo os economistas. "As empresas brasileiras precisam se preparar para competir com as estrangeiras," diz Santos, da PUC-SP. Segundo ele, o **Brasil** tende a crescer e ter uma abertura cada vez maior, e as companhias precisam se preparar melhor. "A indústria precisa acordar para o fato de que tem que investir em ganho de produtividade e ganho de tecnologia. Este é o caminho do Brasil," afirma.

"Algumas empresas já estão aproveitando o **dólar** baixo para comprar máquinas e equipamentos modernos de outros países. É uma forma de aproveitarem a situação para se tornarem mais competitivas," acrescenta Castelar. "Tem que ter um lado bom nesse processo todo," completa.

#### **Dólar deve seguir baixo**

Para os especialistas, a situação não deve mudar tão cedo. Na avaliação de Reynaldo Passanezi, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), o **Brasil** ainda terá que conviver por um bom tempo com as atuais taxas de câmbio. "Se os EUA não elevarem as taxas de juro, o **dólar** continuará baixo, e não há sinais de que o país irá mexer nas taxas de juros".

"Eu acredito que a taxa de câmbio vai ficar baixa por um tempo. Não vejo tendência de mudança neste momento," concorda Santos, da PUC-SP.

Isso não quer dizer, entretanto, que o cenário é totalmente confortável para as empresas que têm dívidas em **dólares**. Apesar de verem seus débitos reduzidos no curto prazo, elas não estão livres de riscos. "Se uma acontecer uma crise e o **dólar** disparar, a empresa quebra," afirma Matias, da USP.

#### **Toma lá, dá cá**

O efeito do câmbio é reduzido para empresas **exportadoras** que também **importam**. Ao comprar do exterior a um **dólar** barato, acabam tendo seus custos reduzidos. É o caso da Embraer, que têm um bom equilíbrio entre o gasta e o que recebe na moeda estrangeira. Além da fabricante de aeronaves, outras empresas de alta tecnologia têm um coeficiente de **importação** muito alto, segundo Rossi, do Ibmecc-RJ, mas na maioria das vezes a compensação não é total.

Já as multinacionais que atuam no **Brasil** "vivem no melhor dos mundos", diz Santos. "Elas têm maiores facilidades de captar recursos lá fora a uma taxa menor e fazer investimentos aqui. Isso as coloca em vantagem em relação às empresas nacionais," afirma.